

Maximiliano Salinas Campos

Gracias a Dios que coamí. Los orígenes del cristianismo en Iberoamérica y El Caribe, siglos XV-XX

Ediciones Dabar, México, D.F., 2000, 500 páginas.

«Nossa originalidade
é nossa fome»

Glauber Rocha, cineasta brasileiro.

DESDE O MOMENTO EM que Maximiliano Salinas publicou sua *Historia del pueblo de Dios en Chile* em 1987, ele inova em termos de pesquisa sobre temas que tradicionalmente caem fora do campo de visao do historiador cristao. A inovacao de 1987 visava aspectos heurísticos, pois mencionado livro partia de folhetos populares, cânticos, benditos, refroes, poesias. Com seu mais novo ensaio, *Gracias a Dios que comí*, Maximiliano Salinas completa o trabalho heurístico anterior por importantes inovações no campo hermenéutico. O ensaio apresenta o painel de um cristianismo pouco analisado na literatura mas intensamente praticado por descendentes de indígenas, africanos mas também portugueses (fértil fronteira com o Islam). Ele insiste na positividade das culturas que encaram a Deus como fonte da sub-

sistencia, quem nos dá o pao para comer, as pernas para dançar, o ânimo para transformar o trabalho em festa. Ele fala de um Deus cristao dionisíaco. Trata-se de uma inusitada memória crista, e apagada nos textos ortodoxos do cristianismo histórico relegada ao mundo dos textos apócrifos, mas que encontra fortes concordâncias nas culturas azteca, quechua e mapuche onde se vive o trabalho como festa, onde Deus tem maos (para trabalhar) e entranhas (para compartilhar), onde a comida é uma hierofania (as comidas sagradas) e o paraíso um deleite culinário. Aí Deus nao é mais o 'preceptor absoluto' mas o 'poeta' (no sentido original: quem faz, quem executa a obra). Postula-se dessa maneira uma releitura global do cristianismo, na linha do livro *Dionisios, réiz de la vida indestructible*, da autoria de K. Kerényi (Barcelona 1998): «La cultura mediterránea del vino fue el fondo común y concreto de diversos elementos, tales como la funda-

ción del cristianismo...». O Apolo da ciência, o Pluto da riqueza e o Mercúrio do comercio cedem lugar ao Dioniso da vida. A partir da vida rejeita-se o 'blanco perfecto', que se manifesta no 'preceptor exclusivo' no 'governante absoluto', e no 'padre lejano'. Faltam-lhes 'las entrañas divinas', 'la maternidad divina', 'el Cristo moreno, explosión de la vida del mundo', finalmente o universo 'mas allá del imperio cristiano'.

Supera-se desse modo a visão de um cristianismo como força inibidora das paixões e domesticador dos homens. A abertura para as necessidades biológicas básicas (comer, beber, namorar) e o estímulo delas no texto questionam um dos principais pilares do cristianismo histórico: a penitência. Abre-se uma nova compreensão. Temas insistentes de sermões e aulas de catecismo como renúncia, *contemptus mundi*, ascese, mortificação, obediência, castidade e pobreza não aparecem mais como 'votos evangélicos', pois —na leitura aí empreendida— o evangelho recomenda abrir os cinco sentidos diante da beleza da vida e a luta decidida contra tudo que ameça essa beleza. O 'cristianismo real' aparece como 'el perro del hortelano que no come ni deja comer'. Com Maximiliano Salinas não estamos no universo de Lévinas no qual todos dão primazia

ao sofrimento dos outros (história militante, advocatória, solidária, comprometida, supletiva da dor dos outros, redentora afinal).

Salinas desconstrói e reconstrói o cristianismo a partir da mesa onde aparece o pão e o pessoal começa a rir de alegria e cantar de satisfação quando aparece o milho na mesa, a canjica, a pamonha, o cuzcuz. O texto de Maximiliano Salinas não é atravessado pelo vento poderoso de uma macro-libertação com que costumam sonhar os intelectuais humanistas. Não tenta ordenar as coisas a partir de um macro-esquema, mas sim contar uma história, a história da comida ameaçada pela besta fera, mas que acaba vencendo o enchendo a barriga do povo. Um texto que tem muito que ver com Josué de Castro e sua *Geografía da Fome*. O ensaio de Salinas é fundamentalmente 'fenomenológico'. Esse ensaio vem me dizer que o que se passa na praça pública é central. Aí está a festa religiosa popular, a festa do padroeiro. A comida aí é transformada em heroína. Ela é ameaçada pelo 'perro del hortelano que no come ni deja comer'. Passa por desventuras criadas pelo 'blanco perfecto' e pela 'demonización', as 'bestas ferás' dessa história. Finalmente chega a uma encruzilhada. Encruzilhada entre o cristianismo e as culturas. Que ca-

mino escolher? A comida, corajosa, escolhe o caminho 'más allá del imperio cristiano' e chega ao paraíso da terra, 'el regocijo de los pueblos de la tierra', onde santo Antônio dança com Santa Clara, com grande satisfação do 'divino Salvador' que 's'entusiasmó su poquito / y es que le dice: Antuquito / echa un trago 'e licor'.

Um hvro inspirado. Sopro, inspiração nao lhe falta. Há um encanto poético, a força de uma intuição nova. Nao estamos diante de um grito contra as injustigas, nem diante da aula de um professor, mas diante de um painel de evocações e imagens fortes, que correspondem ao que o leitor sente. Salinas é levado por uma grande confiança no poder criador do homem em resolver seus próprios problemas. Afastando-se do princípio de que a sociedade necessita de inibidores externos ao individuo (sacerdotes e professores), o autor acredita na autodisciplina. Afinal, o pao nao aparece na mesa senao depois de muito suor e muito trabalho.

As páginas talvez mais emocionantes do livro sejam as pp. 342-344, onde se descreve o carnaval dos famosos 'diablitos' de Oruro. Na realidade trata-se de pobres mineiros que descem nas minas e dai saem negros e sujos. Na festa da

'Mamita del Socavón' eles vao beber mas también rezar:

Aquí estamos de rodillas
échanos tu bendición
a estos tus pobres mineros

¡Mamita del Socavón!

Venimos desde el Infierno
a pedir tu protección
todos tus hijos, los Diablos,
¡Mamita del Socavón!

Eis a América sofrida expressa com suas próprias palavras, dirigidas á 'maternidad divina', a 'las entrañas divinas'. Entranhas que se comovem com a dor do povo.

O aspecto culinário das festas religiosas da América latina é um 'fenômeno' evidente mas que é largamente ignorado pelos teólogos e historiadores do cristianismo. Essa religiao culinária está presente em imagens e evocações de escritores e artistas como Rabelais e Cervantes, em obras como *Lazarillo de Tormes*, *Macunaíma* (Mário de Andrade), *Cem Anos de Mocedad* (García Marquez), nos *Circos de Fellini*, nas obras de Silvio Romero, Câmara Cascudo, Jorge Amado (Para só falar de alguns estudiosos brasileiros). Os malandros, amantes e artistas, e com eles as multidões que gostam de dançar o forró e de beber cachaça ficam esperando sua

vez para entrar ao historia do cristianismo. Com Maximiliano Salinas estamos longe do Jesus liberal do século XIX (Jesus mestre, sábio), do Jesus profeta escatológico de Schweitzer (início séc XX), do radical itinerante de Theissen,

ou ainda do 'campônes cínico de Crossan e mesmo de 'Jesus Libertador' de Leonardo Boff. Estamos com o Jesus das 'entrañas divinas', que multiplica o pao.

EDUARDO HOORNAERT